ANNO I — Domingo, 11 de setembro de 1921 — NUMERO ESPECIMEN

DIRECTOR: Arthur Bivar
REDAÇÃO: Rua da Republica
Casa Nun'Alvares — Guimarães
PROPRIETARIO: MINHO GRAFICO.

VOZ DE GUIMARÃES

SEMANARIO REGIONALISTA

ADMINISTRAÇÃO E IMPRESSÃO: Tipografia do «Diario do Minho»
ADMINISTRADOR E EDITOR: Luiz Gonzaga Pereira
Rua da Republica
GUIMARÃES

União Regional da Imprensa

"Voz de Guimarães,, [1]

Numero especimen

Entramos hoje na arena da imprensa enfileirando ao lado dos jornaes da União Regional da Imprensa do Minho.

Guimarães não podia tardar em surgir no seu posto na falange da imprensa que se apresta para o bom combate.

Em Braga o *Diario do Minho* em via de transformação, para ser o grande orgão das reivindicações da provincia do Minho. Em Negrelos e Monção, os dois primeiros semanarios: *Ecos de Negrelos*, que é distribuido na região das Aves com uma bella tiragem de cerca de 1000 exemplares. Em Monção o *Deu la-Deu*, vigorosa folha defensora, como a heroina que lhe deu o nome, dos interesses d'aquella pérola do Alto Minho.

Agora, antes que surjam, como vão surgir, os campeões dos concelhos de Famalicão, Barcelos, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, etc., etc.,—que já estão preparados, formando dentro em pouco, como está traçado, um exercito compacto em volta da bandeira do regionalismo,—um semanario em cada concelho!—Guimarães, cidade do Minho, não pode deixar-se ficar na ordem de alistamento atraz das villas da provincia.

Que quer a *Voz de Guimarães*?

Quer ser neste concelho o que os semanarios da União estão sendo nos outros. Um paladino acerrimo dos direitos de Deus e da nossa terra.

Catholica, ferrenhamente catholica, desassombrada e integralmente catholica, defensora jurada da união, da disciplina, da concordia, no campo catholico a *VOZ DE GUIMARÃES* não occulta por tactica, por pusillanimidade, por falta de solidez moral que é a maior chaga do campo conservador, a sua orientação franca e resolutamente catholica.

Acabou o tempo em que um mal entendido opportunismo levava jornaes e pessoas catholicas a occultarem essa qualidade, como se Deus precisasse que o levassem ás leis, á vida publica, aos lares, como quem leva contrabando!

Estamos aqui para pugnar intemeratos contra todos aquelles, sejam da direita, sejam da esquerda, que sacrificam a defeza disciplinada dos direitos da Egreja ás suas conveniencias partidarias, e aos seus opportunismos politicos. A *VOZ DE GUIMARÃES* que não teme descontentes, nem mendiga protecções a troco de subserviencias ou silencios indecorosos, quer dizer isto logo de entrada para que não haja illusões e contem com ella, que se ha-de fazer ouvir com a maior energia, indo até onde fôr preciso, na lucta pela causa sagrada do renascimento e da restauração religiosa em Portugal, dôa a quem doer.

Soldados disciplinados só reconhecemos um superior de telhas abaixo: o representante de Deus na Terra, o Papa, e o representante do Papa nesta arquidiocese, o nosso Venerando Prelado.

Dicto isto, a *VOZ DE GUIMARÃES* annuncia tambem que nas suas columnas se fará o combate, elevado sim, mas resoluto e intransigente, á horda de jacobinos de todas as côres que teem trazido a nossa patria á orla dum abismo de que só uma união suprema de todos os bons filhos de Portugal, nos pode salvar!

Absolutamente independente em politica partidaria nós sentimo-nos bem, para levantar a bandeira altiva do regionalismo, pugnando por todos os interesses da nossa região sem temor de desagradar a este ou aquelle. Sabemos que desagradaremos, mas sabemos, temos a certeza absoluta, de que hoje esses desagrados não matam jornaes. A grande massa hoje, em Portugal, é o centro dos desilludidos, dos que entre a direita e a esquerda, asqueados de luctas ignobeis e estereis, anseiam por ouvir uma voz forte de bom senso e patriotismo são.

A *VOZ DE GUIMARÃES* será essa voz.

U. R. I. M.

Voz de Guimarães

Este numero é numero de amostra. O 1.º numero definitivo sairá na primeira semana de outubro com todos os serviços montados.

E' nosso agente em Guimarães o Dr. Luiz Gonzaga Pereira, Casa Nun'Alvares, Rua da Republica, para onde se deve dirigir tudo que se refira ao jornal, provisoriamente.

Preço

A *VOZ DE GUIMARÃES* (que é destinada exclusivamente ás pessoas que não assignam o *DIARIO DO MINHO*, apparecerá semanalmente com este formato, e os preços de assignatura são apenas:

Anno	3$00 cts.
Semestre	1$50 »
Trimestre	$75 »
Numero avulso	$5 »

Pagamento adeantado.

PEDIMOS,

atenta a carestia do papel, a todas as pessoas que desejam assignar a *VOZ DE GUIMARÃES*, a fineza de o communicar á Agencia até ao dia 25 do corrente, a fim de fixar a tiragem, evitando desperdicio de papel.

Egualmente pedimos ás pessoas a quem o enviamos para amostra e que não a queiram assignar, a fineza de a devolver.

E agora avante! Em Negrelos, mais de 920 casas se abriram aos *Ecos de Negrelos*! Ha cerca de 500 exemplares que são distribuidos cada sabado pessoalmente por operarios das fabricas! Em Monção, circula na região o *Deu-la-Deu*, com uma tiragem de 500 exemplares —a maior do concelho!

Avante, pela *Voz de Guimarães*, para que em breve todo o Minho, com unidade de criterio e acção, pela obra colossal da União da Imprensa Regional, faça ver ao paiz inteiro o que é uma provincia organizada que sabe o que quer e diz o que sabe!

(1) Por causa da crise de papel que atravessamos só agora sae este semanario annunciado para fim de agosto.

Voz de Guimarães
Ecos de Negrelos
Deu-la-Deu
Diario do Minho

Como estes jornais pertencem todos á *União*, quem assignar o *Diario* escusa de ter mais nenhum, porque no Diario vae tudo o que aparece nos semanarios. Quem tem um dos semanarios, pode despedi-lo e assignar *o do seu concelho*. Assim, quem no concelho de Guimarães fôr assignante dos *Ecos de Negrelos*, como a parte geral do jornal é a mesma em ambos, pode suspender os *Ecos de Negrelos* e passar para a Voz de Guimarães

Os pagamentos já feitos para um são validos para o outro!

SAUDAÇÃO

Toda a gente se lastima, e com bem fundamentada razão infelizmente, do gravissimo mal estar social que a aflige.

Este nosso Portugal está perdido!

Quem não ouve esta, e outras semelhantes expressões desoladas e funestas?!

Mas onde está a alma alevantada do povo da nossa ilustre raça, que não encara de frente o mal gravissimo que o assoberba, e não trata de o expungir, de o exterminar e vencer?

Acaso é absolutamente irremediavel o mal que nos aterra, e de que tam afflictivamente nos lamentamo?

Queremos por ventura morrer pusilanimes!

Não, sem duvida! Acordemos, pois, todos imediatamente, da lettargia em que por tanto tempo jazemos imersos, acordemos já, e tomemos afoitamente posições, como soldados da ordem, do bem e da honra, para defrontar e vencer esse mal corrosivo da sociedade moderna.

O que temos a fazer?

Nenhuma outra coisa senão procurar a origem desse mal gravissimo, e nessa mesma origem exterminá-lo.

Empreza facil? Não por certo. Mas embora o não seja, que, não é facil vencer o demonio, é todavia exequivel, e como tal, ou nos lançamos a ela com nobreza, ou de contrario serão as nossas lágrimas, mais do que as nossas grandes miserias, afrontosas e desprezaveis.

Todos sabem que a causa da causa é causa do causado.

Procuremos por conseguinte a origem primaria de todas as nossas desventuras. Encontra-la-hemos na descristianisação da sociedade.

Que precisamos fazer? Christianisar. E a quem compete a salutar tarefa de christianizar. A todos os que sinceramente creem e amam a Cristo.

A vida do homem na terra é uma milicia. Todos teem que combater. Arregimentados uns sob a bandeira do bem, outros sob a bandeira do mal.

Aflige-nos o Mal? Sejamos soldados valorosos do Bem!

E quaes são as armas com que temos de travar a esforçada luta?

Muitas são, e de mui diversa natureza. Mas uma ha de grandissimo poder de exterminio, e que todos devemos pelejar em fazer manejar com ardor, é a da Imprensa.

Haja Boa Imprensa, e teremos dado a mais certeira cutilada no Mal!

Abençoados, pois, todos os soldados de Deus, que concorrem para o maior progresso, explendor e gloria da Boa Imprensa.

A cidade de Guimarães, que sempre tão preclaramente timbrou na pureza das suas crenças, lança hoje a publico um hebdomadario catolico, cuja falta se fazia notavelmente sentir, e que por isso será jubilosamente recebido e carinhosamente sustentado.

Por Deus e pela Patria! Viva a *Voz de Guimarães!*

Dr. Arthur Bivar

Assume provisoriamente a direcção deste semanario o sr. Dr. Arthur Bivar, que é em Braga o propulsor da grande obra da federação da nossa imprensa e que porisso tem de imprimir unidade de direcção a todos os semanarios nos primeiros tempos durante a organização.

O seu nome é já sobejamente conhecido e estimado do publico de Guimarães, para que seja necessario apresentar aos leitores o nosso Director.

Que Deus lhe conserve a saude para levar a cabo a grandioza obra que desde o Congresso de Dezembro emprehendeu no Minho, são os nossos votos.

Salve, Guimarães!

Eu sou muito amante da linda cidade de Guimarães, em que tanto me ufano de ter nascido!

Eu creio mesmo que não haja um só vimaranense que lhe não tenha amor!

Ela tudo merece!

Como louçã donzela entre vergeis esplendorosos, ela ergue donairosa a sua cabeça, e contempla embevecida em todo o redor, altaneiros montes que lhe fazem guarda, e de entre todos lhe enamora a vista a Penha idolatrada, a formosissima Serra de Santa Catharina!

Tão encantadora ela é, a nossa querida Guimarães, que, como refere Padre Caldas, um dos nossos antigos infantes, ao contemplá-la da vertente da montanha, dissera extasiado por tão formoso quadro: *quem te deu, não te viu, se te viu, não te dera!* Aludia, diz fr. Leão de S. Thomaz, aos reis antepassados, que doaram a villa á casa de Bragança: o que de certo não fariam se a vissem *tam bem assentada, tam bem murada, cercada de tanta frescura e arvoredo, e tam formosa em si.*

Mas Guimarães não se notabilisa somente pelos seus deleitosos e sorridentes panoramas; a este encantador trecho da natureza em que Guimarães docemente se reclina, corresponde tambem a peregrina formosura das suas mulheres.

Já Manuel de Faria e Sousa (1) dando a Guimarães o nome de Araduca, diz na sua Ecloga intitulada *Fonte de Aganipe*:

Na aldêa de Araduca celebrada
Pela rara belleza das pastoras.

E Julien=Joseph Virey, na sua «Histoire naturelle du genre humain», assim se exprime: *Les plus agreables portugaises sortent de la ville de Guimanarez.*

No grande «Dictionnaire des sciences medicales», dado á estampa por uma sociedade de medicos e cirurgiões notaveis de França, leem-se estas palavras analogas:

La ville de Guimanarez et ses environs sont peuplés des plus charmantes Portugaises, qui ont en general beaucoup de gorge, tandis que les Castillannes n'en ont presque pas.

—E', pois, Guimarães uma terra sobremodo interessante e bonita, e que em si encerra formosas beldades, mas cujo donaire e graça se alia ao mais pundonoroso recato, não se prestando por conseguinte elas a esses exhibicionismos ridiculos chamados concursos de beleza.

Guimarães assinala-se ainda e sobretudo pelas suas venerandas tradições, de que nos falam eloquentemente tantos monumentos notabilissimos, como são o Castelo, a Egreja de Santa Margarida, o Palacio dos Duques de Bragança, a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, o Mosteiro da Costa, etc.

Berço gloriosissimo de D. Afonso Henriques, de S. Damaso, de Gil Vicente, e de outros varões ilustres Guimarães não adormeceu á sombra dos seus louros, mas acompanhando os tempos, distinguiu-se sempre como cidade de vigor e de trabalho.

Ao lado dos seus monumentos historicos, e dessiminados por toda a cidade, erguem-se esses testemunhos indiscutiveis do progresso e vitalidade dum povo, as chaminés das muitas fábricas, cujos artefactos dão justa fama á industria da nossa terra.

Salve, pois Guimarães, que por tantos titulos te impões á nossa admiração e respeito!

Salve!

Este jornal, que hoje sae á luz, sabe á honrar as tuas nobilissimas tradições, e consagrar-se ha de alma, vida e coração ao teu maior esplendor e progresso.

J.

(1) Veja-se o «Guimarães», do Padre Antonio Caldas, donde extratamos estas noticias.

CASA

Aluga-se com magnificos comodos, e optimos quintais anexos, na rua do Conselheiro Lobato (Quinta das Lages), desta cidade.

Quem pretender, dirija-se ao Dr. João M. de Freitas, Guimarães. 1

40 milhões de ratos

Já que os ratões a quem está confiada a governação nacional nos deixaram sem o famoso credito dos 50 milhões de dollars... falemos de 40 milhões de ratos!

Eu venero muito a estatistica. Tem-se feito estatisticas de tudo; mas francamente: a estatistica dos ratos que ha numa nação, nunca supuzemos que se pudesse fazer.

Concebe o leitor, por exemplo que se possa estatistiear o numero de ratinos que passam por ano pela cabeça do dr Leonardo Coimbra? Pois em equinos puros nos quer parecer que se havia ver quem quizesse saber quantos ratos ha em todos os buracos de Inglaterra.

Mas perante os factos não ha que duvidar: acabamos de ler no «Daily Chronicle» de Londres um artigo, que deveria ser uma delicia para o famoso Luciano das ratas, de Lisboa, se ha muito não estivesse lá onde ha perpetua luz ou estridor de dentes, mas não de rato.

Diz nesse artigo o sr. S. L. Bensusan que um calculo moderado estabeleceu que o sustento de um rato custa 1 libra esterlina por ano e que na Inglaterra ha 40 milhões de ratos. De maneira que, ao juro de 5 por cento, o prejuizo que dão á nação representa um capital de 800 milhões de libras esterlinas improductivo

E não é isto um calculo feito no ar. Em 1919 foi publicada a *lei dos ratos* inglesa (*Mice and Rats Destruction Ac*) e desde então foi possivel obter informações sobre os prejuizos sofridos.

No mez de junho, no Hertfordshire, os caça-ratos destruiram 3800 ratazanas. O ano passado, no Tyne, foram apanhadas mais de 2000 em 30 navios. No caminho de ferro North Eastern, no trimestre findo em 31 de março foram destruidas mais de 2000. Um caça-ratos de Dover, desde janeiro deste ano, só á sua conta apanhou 2000.

Em Cardiff durante o anno passado mais de 7500 foram destruidos em navios nas docas por meio de iscas envenenadas, e cerca de 5000 ratazanas e ratos foram apanhados mortos em volta dos edificios das docas.

Pelo visto, em Inglaterra, paiz pratico, ha *semanas raticidas* como noutras terras ha *semanas sociaes*. Porque o sr. Bensusan continúa informando que durante uma recente «semana dos ratos» (rat week) nalgumas grandes fabricas duma cidade do Oeste foram postas milhares de iscas envenenadas e no dia seguinte foram dizer ao engenheiro que a agua não passava nas comportas. Examinado o caso, viu-se que as grades estavam entupidas com ratos mortos.

Em Stoke-on Trent foram mortos 6000 ratos em 6 mezes. No districto de Lancashire o numero de ratazanas mortas foi enorme e no Staffordshire mais de 12000 ratas mortas foram contadas desde que se tomaram as medidas oficiaes.

Em Londres uma fabrica de automoveis declarou que sofreu 140 libras de prejuizos causados pelos ratos; de Cheltenham um negociante de trigo acusa 300 libras de estragos nos seus armazens; e d'outro ponto da nação, onde um comerciante tomou prontas medidas sob uma boa direcção, diz ele que reduziu as suas perdas de 50 *shillings* por semana a 50 *pence* por ano.

E' bom recordar que um casal de ratões, se sobrevivessem todos os descendentes, teria cerca de 1000 descendentes ao fim de um ano.

Possuimos actualmente varios venenos que são mortaes para os ratos e comparativamente inofensivos para folego vivo nas pequenas iscas que servem para o fim a que estão destinadas. O carbonato de bario é um dos mais importantes desses venenos, e uma parte de carbonato de bario, com uma de queijo ralado, uma de toicinho e uma de farinha, faz uma isca mortal.

O trabalho da guerra á bicharada está ainda nos primordios e embora se tenha calculado que, em resultado das primeiras *tres semanas nacionaes dos ratos*, foram destruidos mais de 10 milhões de ratos, diz ainda o sr. Bensusan, ainda temos por cá uma multidão enorme destas indesejaveis e esturas.

E' um crime tolerá-los e aquelles que o fazem incorrem em penalidades que não são devidamente sancionadas, mas nunca será de mais um apêlo ao senso comum do publico e não devia ser feito em vão.

Nada mais contém o artigo do sr. Bensusan.

Nós admiramos o senso pratico inglez. Ha quarenta milhões de ratos que comem e não produzem e o inglez atira-se á rateria com a mesma sanha com que o *sinn-feiner* se atira ao inglez.

LYNCE.

NA ALEMANHA

Passageiros cloroformizados e.. socializados

Ha poucas semanas noticiaram os jornaes o assalto de bandidos de revolver em punho, num expresso em França.

Era um meio barbaro. Na 4.ª feira passada, na Transylvania (ex-Hungria) os bandidos que assaltaram o expresso Bucarest-Constrad, foram muito mais humanos e scientificos. 55 passageiros, entre os quais a maior parte francezes e americanos, foram cloroformizados e tão bem, com tal perfeição, que os bandidos, enquanto as victimas dormiam regaladamente, foram socializando sem pressas, nem brutalidades, aneis, pulseiras, joias, relogios, brincos, carteiras, e nem lhes escapou a dentadura aurificada de um empregado do Consulado Americano. Aliviaram ainda as redes de maletas pequenas, agazalhos, peças de vestuario, emfim, fizeram as coisas com perfeição.

Foi o guarda-freio do comboio que a certa altura, lá do seu mirante, fariscou umas lufadas de cloroformio, desceu e deu com aquela gente toda a dormir. Os bandidos, que pelo visto não eram poucos tinham desaparecido, sem tiros, sem sangue, um encanto, emfim.

Tanto assim que dois dias depois, na mesmissima linha, repetiram a proeza, ficando tambem impunes. A Companhia do «Sleeping-car (vagons-leitos) vae mandar escoltar os comboios, porque aquele «sleep, aquele sono, assim, não serve... senão aos bandidos.

BIBLIOTECA MARTINS SARMENTO
GUIMARÃES - Portugal

OS NOSSOS CONTOS

Honra comprometedora

No dia de S. Nicolau, nome do Czar da Russia, representar-se-hia um drama novo em honra de S. Magestade imperial, que amava com verdadeira paixão as representações theatraes.

Depois do almoço, o Czar saiu com os seus ajudantes para dar o seu usual passeio a pé pelas margens do Neva, no populoso e rico bairro do Almirantado.

Ao cruzar um dos parques que rodeiam o colyseu russo, chamado de Alexandra, viram aproximar-se um homem de uns quarenta anos, chamado Nicoliwizchi, o actor comico mais afamado de toda a Russia, e que tinha n'aquela noite o primeiro papel do drama que se ia estrear em obsequio do imperador. Como Sua Majestade tinha mostrado desejos de conhecer o celebre actor, um dos ajudantes lhe disse:

—Senhor, esse homem que vem falando e gesticulando só, é a gloria do theatro; o insigne actor Nicoliwizchi.

Logo que o imperador chegou perto do incomparavel comico, disse-lhe:

—Tenho muito gosto em conhecer-vos, Nicoliwizchi; esta noite te-lo-hei em admirar-vos, celebrando os vossos triumphos.

—Senhor—disse o comico inclinando-se até ao chão e fóra de si com o gozo de ver a honra que o imperador lhe concedia dignando-se falar-lhe,—o meu maior triumpho será fazer a vontade de vossa Majestade imperial.

—Agradeço os vossos nobres sentimentos e preparae-vos para pedir-me alguma graça—e saudando-o, acrescentou:—Até á noite.

Nicoliwizchi inclinou-se profundamente, e o imperador Nicolau continuou o seu ordinario passeio pela Avenida das Tilias, substituida recentemente pelo jardim de Alexandre. Poucos instantes depois de terminada esta rapida entrevista, chegam dois agentes da auctoridade e intimam-no a que se dê á prisão.

—Preso...—diz Nicoliwizchi com a maior surpreza—E porque?

—Porque?...—Disseram eles. — Não sabe você que está terminantemente prohibido falar na rua a sua Majestade sob pena de imediata prisão?...

—Mas, senhores—replicou muito contrariado o insigne comico,—eu não lhe falei; foi ele quem me dirigiu a palavra, e os senhores bem devem comprehender que não devia desprezar sua Majestade.

—Apezar d'isso, grunhiram os agentes,—a ordem é terminante: o sr. falou-lhe... logo está preso.

E perante as ameaças d'aquelles finissimos policias, não houve outro remedio senão deixar-se conduzir a um dos calabouços da esquadra proxima do theatro.

Passavam-se as horas, e o director de scena, que marcara o ensaio para de tarde, estava furioso. Faltava o primeiro actor, e não o encontravam em parte alguma; parecia que a terra o tinha engulido...

Qualquer outra noite, a falta do comico incomparavel era facil remedia-la; mas n'aquela noite memoravel, a primeira que assistia ao regio colyseu toda a familia imperial, o dia de S. Nicolau, tão celebrado em todo o imperio moscovita, suceder aquele desastre era coisa que tirava o juizo a todos os actores.

As portas do grande theatro Alexandre abriram-se de par em par, e de toda a parte da populosa cidade affluia o povo, avido de presenciar o novo drama e de saudar o eminente actor que, com o seu extraordinario ingenho, cobria de gloria o nome moscovita. Como o primeiro actor não tinha ainda aparecido, e o ultimo raio de esperança que havia de encontra-lo no brevissimo espaço de tempo que restava se ia desvanecendo por completo, a angustia e sobresalto em toda a companhia chegava ao seu cumulo, quando se ouviram as primeiras notas do hymno imperial saudando o Czar que entrara no regio palco.

A etiqueta russa no theatro ordenava que ao concluir a orquestra se levantasse o panno.

Apagaram-se os echos da musica e o panno não se erguia...

Assim passaram uns momentos de absoluto silencio, que, segundo o juizo de todos, era uma gravissima falta contra as considerações devidas ao imperador.

Um ajudante do monarcha fôra saber a causa d'aquela demora em começar o espectaculo fez saber ao imperador que faltava o celebre actor Nicoliwizchi, e que não apparecia por parte alguma, embora se procurasse em todo San Petersburgo.

O chefe da policia foi chamado ao camarote regio.

Em tom severo lhe perguntou o augusto czar.

—Onde está esse actor que falta?

—Senhor, não posso dize-lo a vossa Majestade—respondeu perturbado o funccionario publico.

—Pois para que tendes um verdadeiro exercito ás vossas ordens senão é para saber tudo?—replicou o monarcha moscovita, accrescentando com desgosto:—Se dentro de dez minutos não souberdes onde está levantado, lembrar-vos-heis...

O chefe da policia que comprehendia o sentido da ameaça foi direito ao gabinete telefonico, e em brevissimos instantes soube que o actor tinha sido preso de manhã por fallar com o soberano na rua, dando ordem para que se apresentasse immediatamente no theatro, pois o monarcha esperava já no seu camarote. Participou logo o funccionario o encontro do pobre actor e da c da causa porque tinha sido preso de manhã em um dos parques que circundam o colyseu. O imperador Nicolau e a familia imperial não puderam conter-se ao saber a extranha peripecia sucedida ao glorioso artista, celebrando-a com grandes e estrepitosas gargalhadas que se generalizaram em todo o theatro ao divulgar-se a comica aventura.

O panno subia então com muita solemnidade, e na primeira scena aparece no palco o celebre Nicoliwizchi. O poderoso czar bateu palmas ao ve-lo, e todo o theatro applaudiu calorosamente o insigne comico, o qual fez n'aquela noite as delicias do nobilissima auditorio.

Terminado o espectaculo foi chamado Nicoliwizchi á presença do imperador. Com desusada afabilidade lhe disse o monarcha:

—Reconheço, meu querido Nicoliwizchi que fui a causa da vossa prisão; podeis pedir-me a graça que desejardes, ser-vos-ha imediatamente concedida.

Nicoliwizdhi, antes de proferir palavra, olhou dissimuladamente em volta de si, inspeccionando se ali estava algum agente da auctoridade, não lhe sucedesse alguma como a passada e limitou-se a dizer ao imperador:

—A graça que supplico encarecidamente a vossa Majestade Imperial é que não torne jámais a dirigir-me a palavra—e saudando com todo o respeito saiu precipitadamente do camarote imperial.

No dia seguinte recebeu Nicoliwizchi um magnifico presente com as armas do imperio, concedendo-lhe além d'isso uma avultada pensão em desagravo das horas passadas no carcere por causa do soberano moscovita.

T. A. s. s.

As lagrimas de Loute

Jean de la Bretenniere

Oh! a vida intima dos animais! quem a contará? O poder de afeição e odio, as suas paixões, as suas alegrias e as suas tristezas, quem se encarregará de os descobrir e descrever? Quem descobrirá o desconhecido das suas suas existencias mudas? quem saberá jámais os segredos da sua sensibilidade, e todas as susceptibilidades do seu coração?

Eu tinha uma cadela que se chamava Loute, uma pequena perdigueira escura, atarracada e barriguda, dorso roliço, costas largas, ancas de cob terminadas por um pedaço de cauda liza brilhante como um chouriço e sobre este corpo quasi informe e defeituoso, d saida e como em oposição ao pescoço massiço, uma linda cabeça, muito fina, bem modelada, orelhas expressivas, um focinho espirituoso que sabia rir, olhos humanos que sabiam falar.

Loute era de natureza afectuosa e fiel, de temperamento igual, nada embaraçadora nem imperiosa como tantas outras suas iguais, facil em viver, sempre contente. A' excepção da caça que a apaixonava, alguns ossos da meza, um canto mole para dormir perto de mim, não precisava mais para sustentar ao mesmo tempo a sua boa disposição e a sua felicidade.

Eu queria muito á Loute, e, sem fatuidade, posso dizer que ela gostava muito de mim.

Houve uma ocasião em que por causa da idade, eu descobri que os seus serviços prestes seriam insuficientes e que era preciso desde já encontrar-lhe substituta.

Adquiri outra cadela nova, que prometia muito, uma perdigueira avermelhada, e que era, quanto ao fisico, a verdadeira antitese de Loute: pernas altas, ainda delgadas, franzina, esguia, flexivel, agil, sempre alerta.

A primeira vez que me levaram a Miss, Loute, como cadela bem educada, fez lhe um acolhimento mediano, simplesmente duvidoso, mas antes frio, com o qual a joven estouvada não pareceu afligir-se. Mas quando viu a recemvinda intrometida devéras na casa, admitida ás mesmas prerogativas e tratada da mesma maneira, vi bem que Loute sofria com isso.

A' meza, ás refeições, a que assistia a distancia, sempre discreta e reservada, quando a sua companheira me atormentava com audacias que eu consentia, a Loute ostentivamente ia aumentando a distancia entre nós, escondia-se, fingia-se morta. E quando eu afastava a outra com um gesto, e a chamava para fazer-lhe desvanecer o despeito, ela vinha a mim d'um salto, com um entusiasmo louco, como um projectil disparado, erguia sobre os meus joelhos a parte dianteira, erguia-se trepando até meio corpo, e com plangentes gemidos que contrastavam com a sua alegria inquieta, esfregava por mim o focinho, punha-me em desordem com a boca as prégas do fato, dardejava-me o queixo com a séta rosada da sua lingua, lambendo-me a cara se eu a deixava; parecia louca, parecia que acabava de me readquirir.

A principio, querendo trata-las de igual modo, evitar lutas, levei-as ambas á caça. Mas não deu bom resultado. Vi Loute melindrada, envergonhada, atraz da Miss, que, sem pensar no mal, e só pela rapidez do passo depressa se distanciava. Diante da caça, a velhaca retraia-se, forçando a companheira a parar e acometendo direita sobre as perdizes, ou se lhe passava uma lebre perto, correndo sobre ela, arrastando a Miss atraz, n'uma luta desordenada, cuja desigualdade tornava o capricho comico e os esforços hilariantes.

Eu, zangado, não podia deixar de sorrir, e nem gritos, nem chamamentos, nem repreensões serviam de nada.

Quando Loute se me tornava a juntar, o seu olhar fino, o seu ar triunfante, parecia alegrar-se com a minha pena e a minha cólera.

Dentro em breve tive de recorrer a grandes meios. As duas cadelas não tornaram caçar juntas. Levei-as cada uma por sua vez.

Enganei-me: a alternativa não foi estritamente observada, porque no fim de contas eu utilisava mais frequentemente a colaboração de Miss, reconhecida dia a dia mais productiva e empregava então toda a especie de subterfugios para esconder a Loute essa preferencia e poupar-lhe desgostos. Mandava-a de antemão passear com alguem, afim de poder livremente ir á caça sem o seu conhecimento, ou afastava-a para um lugar donde ela não me visse chegar, equipado significativamente em companhia da rival.

Um dia que voltava da caça, avistei no vestibulo a Loute escondida de traz de um movel, agachada no canto mais recondito. Parecia dormir mas tinha os olhos abertos.

Tinha visto a arma, a bolça que eu trazia e a Miss que me seguia. D'esta vez estava descoberto; fui apanhado em flagrante delicto! Puz a arma no armeiro, e a bolça na panoplia. Loute não se mexeu. Chamei-a com voz meiga: Loute! Louloute! Não se mexeu.

Só ao ouvir a minha vóz, pela força do instincto a sua cauda, a extremidade, agitou-se... agitou-se debilmente, batendo no soalho. Não obtendo nada com os repetidos chamamentos, acabei por me aproximar. Abaixei-me, estendi a mão para a acariciar, enquanto Miss inocentemente vinha para o meu lado farejando o focinho da companheira. Mas longe de responder ao convite, Loute voltou a cabeça obstinando-se n'um recão do seu corpo encarquilhado. E' que estava zangada devéras. Mudei de método, uzando d'um estratagéma. Chamei a Miss afastando-a; abri a porta e pu-la fora; feito isto, instalando-me n'uma cadeira de braços, na outra extremidade da sala,—em tom era de quem ralha, era de mimo, aventurei-me de novo:

—Loute, vem, minha Louloute!

Imediatamente, como muitas outras vezes, movida por uma móla, precipitou-se para mim como louca, como um projectil, e levantou sobre os meus joelhos as patas dianteiras, toda trémula e prêsa d'uma inquietação profunda que, d'esta vez, ficava muda. E lançou-se-me nos braços. Eu brincava com aquele desespero:

—Então, Loute, que lembrança! O que é que te apoquenta? Porque estás hoje tão doida?...

Um estremecimento pareceu sacudi-la, e reconheci que o meu rir lhe fazia mal. Então tomei-lhe a cabeça nas mãos, os meus olhos mergulharam no fundo dos seus e sob o meu olhar, que procurava a sua alma, de repente vi-lhe brilho nas palpebras, e lagrimas, grandes lagrimas aflorar ali! A primeira desprendeu-se, deslizando lentamente ao longo das faces...

—Oh! que misterio n'estas lagrimas: lagrimas de amor ferido, lagrimas de tristeza ou alegria, lagrimas humanas ou de irracionaes?...

A Loute chorava! Ah! como era miseravel! Desconheceu assim uma ternura, deixar assim sofrer, fazer chorar um ser querido! Deus me é testemunha: todo o meu coração sangrou.

—Loute, Loute! gritei eu com uma voz cheia de compaixão.

Apertei-a contra mim, puz a minha cabeça junto da sua, com um gesto amoroso, para adormecer aquele pezar, embalei-a como uma creança. Ao mesmo tempo, falava-lhe e esquecia que ela me não entendia, ameiguei a voz para lhe murmurar palavras ternas, azia-lhe a minha confissão, e a minha piedade encontrava frazes que teria empregado para um ser humano.

—Loute, minha querida Loute, não chores mais! eu amo-te sempre! Vá! ninguem te rouba a minha ternura e tu serás sempre a minha amiga. Tu acreditas que eu já te não amo, que penso em abandonar-te? Mas não, tu bem sabes o contrario e que não quero desgostar-te, Loute. Parece que te abandonei; mas apesar d'isso sou-te fiel; ao voltar d'essas fugas que te põem a morte na alma, volto com a mesma dedicação imutavel e o meu coração é sempre o mesmo. Que queres tu, minha pobre Loute! A outra é mais nova que tu, mais viva e mais vigilante; procura-me alegrias, faz-me gosar prazeres que tu já me não podes dar; e eu não tenho coragem de me separar d'ela! Mas com ela, tu bem o sabes, não é a mesma coisa, e jámais, ouves bem? nunca a amei como a ti e serás sempre tu a preferida. Acreditas-me, diz! Vamos, Loute, Louloute, consola-te, suplico-te, não chores mais.

Cuidam talvez que procurei reparar o mal, que expulsei a intrusa e restitui a velha amiga á integridade dos seus privilegios?

Mas Deus, não! Nada mudou; estimava demais Miss para a poder sacrificar. Ficou em minha casa, continuou a ter o mesmo quinhão dos meus cuidados e das minhas graças.

A lenda dos rubis

Versão de D. Virginia Eulalia de Barros

A tarde rosea descia sobre o paiz de Galil e as montanhas, cobertas pela plumagem vaporosa das suas verdes gramineas, parecia formar um belo anel de verdura em torno do lago tranquilo de Genezareth.

Cassia, caminhando pela estrada que parte de Capharnaum, fixava os seus olhos, ensombreados como os de uma joven profetisa, alternadamente nos jardins prodigiosos de loureiros-rosa, de balsameiros, e de miosotes ou sobre a agua do lago, liso como o lagêdo azul d'um templo.

Ia ao encontro das suas companheiras, para ouvirem, n'um pomar um profeta que tinha chegado de Nazareth e a quem chamavam Jesus...

Mas Cassia pensava menos em Christo do que nas angustias deixadas na casinha onde vivia com Simão, seu pai.

Com efeito, um ano antes, Ephraim, um lapidario, seu visinho, partindo para uma longa viagem, tinha confiado a Simão uma coleção de rubis, doze carbunculos, limpidos como certo vinho atravessado por um raio de sol. Simão jurou restituir-lhos logo que êle voltasse. Mas... Cassia caiu cruelmente enferma, e, para que um sabio grego que estava de passagem na Galileia, a curasse, foi necessario Simão concordar com o preço exorbitante que ele exigia... e pagar-lhe com os rubis de Ephraiim.

—Se em seis mezes, não poderes dar-me a soma equivalente, tinha dito o grego, vendo as pedras; mas, entretanto ficam em meu poder.

Simão serrou centenas de pranchas—porque era carpinteiro—e Cassia bordou véus mais transparentes que as azas de abelhas... Mas, mesmo assim, não conseguiram acumular a soma exigida para resgatar os rubis. Os seis mezes expirariam no dia seguinte; Ephraim tinha anunciado o seu regresso e Cassia apavorada olhava o delicioso panorama, estremecendo sob o vapor das plantas, testemunhas da sua infancia feliz e do seu presente desespero...

Bruscamente, algumas rapariguinhas surgiram na revolta da estrada, e avistando Cassia gritaram-lhe:

Oh! chegas tarde, muito tarde... a multidão já despersou e repara que povoléu ahi vem... Ele ficou só no pomar d'Elie. Oh! Cassia! Ele é todo poderoso! curou um cego!

Mas Cassia já não as atendeu e querendo evitar a turba que se aproximava, fazendo um rumor de rebanho, meteu por um atalho. Apertou mais o passo levando o coração animado por uma subita esperança... Se o profeta que dava vista aos cegos tivesse piedade das suas angustias! se *Ele* se dignasse salvar Simão e sua filha!...

Já a istava o pomar d'Elas juncado de romanzeiras, ameixoeiras, loureiros-rosa; já entrevia a porta atravancada por espinheiros e pela qual ela tinha de entrar e que ninguem transpunha ha muito tempo.

Subitamente, Cassia deteve-se arquejante.

Ele estava ali, só, pensativo, sentado no tronco d'uma oliveira derrubada, voltado para o sul, para a longinqua Jerusalem onde o devia levar o seu tragico destino.

Pela primeira vez a joven contemplou de perto aquele olhar cheio do infinito.

Uma reverencia inexplicavel lhe agitou o coração. Nunca ela ousaria aproximar-se do Mestre, para lhe implorar nada!... Como poderia Ele descer até ás suas mizerias?

Abatida pela timidez que a invadia permaneceu perto da porta, quando, subitamente, *Ele* levantando-se caminhou lentamente, com os olhos postos n'uma nuvem, talvez conversando espiritualmente com o Pai... E..., sem a vêr a ela, e sem duvida, sem ver nada no mundo!...

A joven esperou imovel; os pés nus do divino Nomada pisavam o cascalho e na sua passagem os ramos flexiveis prendiam-se-lhe a tunica.

Ele abriu a porta e ia dar mais um passo, quando Cassia estremeceu.

No meio do caminho, entre o Mestre e a joven, encontrava-se um enorme ramo de cardos, colocados lá, sem duvida, pelo vento; os pés nus de Christo iam calcar os espinhos agudos! Num gesto rapido Cassia estendeu as mãos e puxou violentamente para si o mólho de cardos, reprimindo ao mesmo tempo um grito de dor; os espinhos tinham-lhe dilacerado os dêdos e o sangue borbulhava... Jesus tinha-se desviado, e olhando para a adolescente perguntou-lhe:

—Quem és tu? que faz teu pai?

—Eu sou Cassia, meu pai é Simão, o carpinteiro, — respondeu a joven, perturbada.

Ele comoveu-se, revendo, talvez, repentinamante, a sua infancia, a oficina de José, Nazareth, e os seus campos de flores rosadas...

Mais docemente, interrogou ainda:

—Que vens tu pedir-me?

Ela balbuciou atonita:

—Oh, Mestre! Será possivel? mas não, eu sou indigna, não quero nada, nada!

O triste sorriso de Christo confundia-a.

Ele adivinhou. Sabia o que ela necessitava e não ousava pedir.

Entretanto, o sangue que jorrava das mãos dilaceradas da criança, tinha estancado por si mesmo. Então, Jesus, retomando o seu caminho, disse, sem se voltar:

—Guarda-as, tens ahi 12. Teu pai está salvo!

E eis que, as gotas de sangue borbulhando nas feridas da joven, se solidificam nas palmas das mãos,... e já não é sangue liquido, sem preço; são pedras preciosas, carbunculos polidos, lapidados explendidos, cada vez mais resplandecentes, mais limpidos... doze rubis claros como certo vinho precioso atravessado por um raio de sol...

O milagre inesperado... a salvação de seu pae... o «agradecimento» de Jesus!

Cassia soltou um grito de alegria, ergueu-se cheia de gratidão, querendo correr para o Mestre, consagrar-lhe a sua vida...

A estrada estava deserta, *Ele* tinha desaparecido...

....

E os doze rubis que hoje scintilam no calice d'oiro d'um dos mais ilustres mosteiros da Judeia, são os mesmos que outr'ora, assegurava um velho monge, foram formados do sangue d'uma candida creança...

IVONNE SCHULTZ.

O QUE DIZ A IMPRENSA

Do famoso credito dos cincoenta milhões

A *Capital* diz do celebre contracto falso:

Não havia nada! O contracto não repousava senão sobre as garantias do sr. Manuel de Noronha e dos seus socios que fundaram uma empresa comercial «ad hoc,» com titulo afrancesado, para melhor seguir os preceitos da famosa madame Humbert que tambem apresentava um cofre onde diziam estar os milhões dos Crawford igualmente americano como o misterioso mr. William. Essa gente abusou da candura do sr. Afonso Costa que firmou o seu nome ao lado das suas assinaturas. E o chefe do governo portuguez, sabendo que tudo era uma burla, até ao ultimo instante conservou em suspensão o espirito publico, ao qual o contracto dos 50 milhões de dollares foi apresentado como o meio infalivel da salvação nacional.

Feito isto, abandona-se o governo ao mais pequeno pretexto, e vai-se para casa muito satisfeito por se ter alcançado o direito de ser ministro de Estado honorario, como algumas duzias de imbecis e incompetentes que não pensam senão nas miserias das suas vaidades.

Pois a nós afigura-se-nos que não é licito, durante trez mezes, fazer girar toda a existencia nacional em torno duma burla indecorosa, que em qualquer outro paiz constituiria a vergonha eterna dos seus negociadores. Por muito menos culpas, homens muito mais eminentes teem ficado inutilisados para a politica dos seus paizes.

O *Primeiro de Janeiro* informa que não se produzirá o debate preanunciado, acerca do assunto:

Ao que se diz, a famosa questão do credito dos 50 milhões de dollars já não produzirá o debate que antes se anunciava com a interpelação do sr. Cunha Leal, em que os grupos parlamentares e até o proprio interpelante já estão inteirados de toda a historia dessa operação financeira e da responsabilidade que a cada um cabe no seu insucesso. Trata-se ao que parece de um abuso de confiança de que foram vitimas os representantes do Estado, que no caso andaram como Pilatos no credo.

Quem desfez o encanto foi o sr. visconde de Alte, nosso ministro na America, que para cá mandou dizer que o negociador estrangeiro não tinha a idoneidade indispensavel para realisar o negocio, pois havia tratado dele com nome suposto.

O sr. ministro das finanças, aproveitando os dois dias de feriado, foi á Serra da Estrela realisar uma conferencia com o sr. dr. Afonso Costa sobre o assunto.

O *Seculo*, começando a cantar a palinodia:

Aí teem os nossos leitores o que podemos dizer-lhes. E' positivo que o contrato foi assinado entre o governo portuguez e o Crédit International e não entre o governo portuguez e o sr. Williams. E é tambem positivo que o Crédit só resalvou a sua responsabilidade pela falta de cumprimento por parte de qualquer dos vendedores de mercadorias das condições dos contratos parciaes que com essas firmas o governo viesse a fechar. Quer isto dizer que o Crédit se comprometeu a arranjar e indicar ao governo portuguez firmas idoneas, que com ele contratassem fornecer-lhe mercadorias de que ele precisasse e as quaes seriam pagas pelas forças do crédito aberto.

A partir desse momento cessava a sua responsabilidade pelo exato cumprimento, por parte de cada uma dessas firmas, das clausulas dos seus contratos parciaes com o governo. Mas, até ao momento em que esses contratos fossem assinados, a responsabilidade do Crédit era e é, juridicamente, insofismavel

Perguntamos: cumpriu o Crédit aquilo a que se obrigou?

Se cumpriu, o governo dirá porque motivo não fechou ainda os taes contratos parciaes para compra das diversas mercadorias de que precisa. Se não cumpriu, nós diremos ao Paiz o que pensamos sobre o assunto!

Dos milicianos

A *Imprensa da Manhã* refere-se ao caso dos oficiaes milicianos:

A' hora a que traçamos estas linhas ainda o sr. ministro da Instrução não apresentou ao Parlamento o projecto delei governamental sobre os oficiaes milicianos, nem sabemos se o fará nem nos importamos, neste momento com isso.

O nosso cronista parlamentar registará devidamente o facto quando ele se produzir. A nossa obrigação é outra: a de dizermos aos leitores como o caso se resolvera dentro e fora do Parlamento. Isso vamos fazer, em primeira mão, na certeza de que os nossos informes não sofrerão desmentido algum, tal é a segurança que nós depositamos na pessoa que nos informou.

O caso dos milicianos é, nas suas causas e nos seus effeitos, um dos casos mais graves da nossa politica interna, que os governos teem despresado e com que os politicos se teem divertido duma maneira pouco airosa tratando-se como se trata d'homens que á sua Patria nas horas amargas do perigo, deram o seu futuro e a sua vida, e galhardamente por ela se bateram.

Ha dois anos que o caso podia ter sido resolvido, e bem, se o Parlamento de então tem ouvido o entendido o ilustre senador liberal sr. tenente coronel Mendes dos Reis, militar brioso, oficial disciplinador, mas a quem os irupções da politica jámais ofuscaram os seus deveres de militar graduado e de parlamentar consciencioso e recto. Não o ouviram então, não o quizeram então atender, politicos sem escrupulos que fazem da Causa Publica uma regedoria de Paio Pires, e d'ai este arrastar-se vergonhoso duma questão que já ia dando uma revolta, que originou a queda dum governo e que, se não fosse agora resolvida, novas e funestas consequencias traria á embrulhada e confusa politica nacional.

Da especulação

Anota a *Vanguarda*, acerca do preço alto da libra:

As libras continuam por alto preço, apesar das ameaças feitas por um grupo de bandidos ás casas bancarias. Como se vê, não é anunciando atentados bombistas que se consegue fazer melhorar o cambio, cuja baixa terrivel é devida á enorme circulação fiduciaria, á pobreza dos cofres da nação e principalmente á falta de credito que os nossos governos teem no estrangeiro. Mentem os que dizem que a nossa grave situação financeira e economica é devida á guerra e que ela se observa tambem nos outros paizes aliados. A França entrou na guerra, foi invadida e devastada, e todavia a sua colheita de trigo é maior este ano que nos antecedentes... e um franco vale oito tostões! Em parte nenhuma do mundo, a não ser a Russia, a vida está tão cara como em Portugal, porque a ganancia dos comerciantes não é reprimida pelos governos. Mas estes é que são os verdadeiros culpados da crise que nos assoberba, porque apenas cuidam de satisfazer as suas ambições politicas, e nada de remediar o mal que eles proprios fizeram.

Da Lavoura

A *Epoca* lamenta que não se regule oficialmente o preço do trigo:

Estamos em 6 de setembro e nada ha decidido sobre o preço legal do trigo da ultima colheita. Não é um vasto manicomico o paiz em que assim se acha pendente indefinidamente questão de gravidade tal?

Depende dela a proxima campanha agricola. A' sua resolução anda intimamente ligado o cambio.

Pois minguado interesse merece o assunto ao Congresso.

Providenciára o sr. Granjo a contento da lavoura. Vem o ministro Souza da Camara e recusa-se a cumprir a lei preferindo apresentar uma proposta que os entendidos capitulam de monstruosa e que o sr. Cunha Leal está escalpelizando, rudemente.

Da critica cerrada a que a tem sujeitado chega-se á conclusão de que a proposta daria logar a enormes lucros ilicitos da moagem e que deve ser integralmente rejeitada.

Interrogado o chefe do governo sobre o que tenciona fazer em relação ao decreto da sua anterior autoria, não houve meio de obter resposta.

O novo ministro da agricultura, lavrador do Alemtejo, que conhece bem o assumpto hesita em pronunciar-se distinguindo entre as opiniões como deputado e as resoluções como ministro.

Debalde o sr. Carvalho da Silva e alguns outros deputados tentam levar a camara a tomar uma resolução prompta e acorde com os interesses do paiz. Baldado empenho!

Mal se poderia imaginar tal cegueira, incompetencia e indiferença pelos interesses mais vitaes do paiz.

E o peor é que esse protelamento de resoluções anda enredado em negocios misteriosos, escuros e suspeitos, como o da proteção á moagem, o do credito dos 50 milhões com os seus monopolios do fornecimentos e tantos outros. Personalidades eminentes do nosso meio agricola foram trocar impressões com o novo ministro. E' natural que lhe ponderassem o que ele aliás sabe: que a marcha para o abysmo se accelera e que num amanhã mais proximo do se julga já nada nos poderá salvar.

Das oposições

A *Republica* sensura o palavreado, cheio de preconceitos, contra os actos do governo:

Inglorioso trabalho esse! Emquanto o governo luta, remando contra a maré dos longos discursos e dos longos debates os seus orçamentos, as suas propostas, os seus trabalhos, enfim, dormem descansadamente sobre a mesa da presidencia, esperando... esperando que s. ex.as acabem...

Mas é que os srs. parlamentares só acabam... para começar—e ai está uma das modalidades de fazer oposição...

E' necessario, porem, que termine. Raras vezes resulta qualquer coisa de pratico dos longos debates; e nunca se verificou que dos discursos extensos se extraisse uma conclusão lógica.

E' que o pensamento perde-se no amontoado de palavras, é que a acção do Parlamento se esvái nessas longas praticas...

Das cambiais

O *Diario de Lisboa* publica o seguinte ácerca do recente decreto:

Pelas onze horas da manhã, o acaso poz-nos em frente dum homem que a praça de Lisboa muito considera o qual, não obstante o seu feitio reservado, se tornou loquaz comnosco.

—Que pensa do novo decreto sobre o comercio das cambiais?

—Acho que o sr. ministro das Finanças, teve o de engulir um osso, nem ao menos lhe quiz tirar as asperezas. Colocado entre a espada e a parede, pelos que sustentam que os cambios obedecem a vozes de comando, saiu-se com o diploma que a imprensa trouxe ao conhecimento do publico. Não quero dizer com isto que ele tenha a consciencia de haver praticado uma má acção. E assim dentro duma camisa de onze varas, tentou despi-la, fosse como fosse.

NOTAS DO ESTRANGEIRO

INGLATERRA

Escapou de bôa

Não é vulgar o que aconteceu a Miss Gaynor Jones a semana passada Viajando num comboio expresso em que ia lendo um livro, assomou á janela num momento em que o comboio corria a '0 kilometros á hora. A porta e[s]tava mal fechada e Miss Jones caiu, mas com tanta sorte que apenas sofreu umas leves escoriações no rosto Levantou-se por seu pé e lá foi até á aldeia de Llanfair, onde lhe fizeram curativo.

Excursionistas num galinheiro

A semana passada aconteceu uma aventura a um grupo excursionista, que vem narrada nos jornaes, por ser comica. Não houve quebra de ossos, felizmente.

Foi o caso que um grupo de coristas de Torquay ia em excursão de auto-omibus quando o motor, pal[…]barou panneficado. Como o concerto era impossivel foi o bando bater á porta de uma estalagem em Dartmoor. Com grande espanto dos excursionistas, o estalajadeiro recusou-se a receber tanta gente, desconhido.

Foi o assunto debatido, até sob o aspecto legal, mas a hora de fechar chegou e o homem pôz os freguezes fora da porta. Mas os coristas tanto rogaram, tanto clamaram, que o homem sempre consentiu que fossem dormir, fóra de casa, para o galinheiro!

E lá passaram toda a noite alegremente, e como dormir era impossivel, o orfeão passou a noite cantando, com grande gaudio da vizinhança espanto das galinhas.

E' aqui, ou nunca, caso de se dizer que recolheram.. com as galinhas!

EM FRANÇA

Uma creança de 7 anos dispara sem querer contra duas irmãs

Ainda uma tragedia proveniente da guerra! Na aldeia de Villers—Bocage, um pequenito de 7 anos, de nome Carntier, na ausencia de sua mãe foi buscar ao armario uma espingarda que durante a guerra um soldado inglez ali deixara. E, brincando, apontou para a irmã, creança tambem, de 12 anos, puxou pelo gatilho e matou a instantaneamente, porque a arma estava carregada. A bala, atravessando o corpo da irmã, foi ferir outra irmã de 9 anos, atravessando-lhe a cabeça. Transportaram-na para o hospital, e no jornal recebido hoje em Braga noticia-se que está moribunda.

NOS ESTADOS UNIDOS

Para ...a paz!

No dia 2 do corrente foi lançado á agua em Cambén o couraçado super Dread-nought Washington. Como os seus irmãos «Maryland», Colorado, «West Virginia» levará oito canhões de 16 pollegadas e terá 1411 homens de tripulação equipagem. Armado e pro[mpto] este brinquodo para a futura paz deslocará 33 520 toneladas.

Assassino perseguido p'lo espectro da sua victima

Gerardo Catonigri, um italiano, que em novembro de 19[..] assassinou a tiro Eduardo Schmidt, acaba de se entregar prisão na policia de Nova York confessando o crime.

Acompanhado pelo detective Maloney, Catonigi declarou que fugira, correndo por todo o mundo, mas via constantemente o espectro—o jornal diz *the ghost*: o espirito, mas essa especialidade pe ver espiritos é dos espiritistas —e da victima, que o obrigou a voltar. Foi esse o motivo que o levou a ir alugar quarto numa casa proxima do sitio onde cometera o crime.

Agora entregou-se voluntariamente á prisão, por não poder tolerar a visão do assassinado.

100 automoveis num poço

A policia de Chicago, segundo um telegramma de Nova York para a imprensa ingleza, acaba de descobrir numa pedreira alagada, perto daquela cidade, nada menos de 100 automoveis! A agua tem uma profundidade de 80 pés, mas o ultimo dos automoveis ali precipitados ficou incompletamente coberto, e um policia que sabia a profundidade do poço, desconfiou do caso. Foram chamados mergulhadores e descobriram-se—cerca de 100 automoveis roubados. Durante muito tempo foi um misterio para a policia o paradeiro dos automoveis que constantemente desaparecem das grandes cidades. Só em Nova York a media dos automoveis é de 20 por dia! Poucos reaparecem. As companhias de seguros suspeitam que alguns donos se desfaziam delles fraudulentamente, mas a actual descoberta vem oferecer uma pista aos investigadores do caso. Já no porto de Nova York foram descobertos mais alguns, mas em tal estado que só em raros casos se podem identificar.

HEROISMO DUM MEDICO

James McArd'e, guarda no jardim zoologico de Bronx, está convalescendo da mordedura duma serpente venenosissima. Se viver, a vida deve-a ao heroismo do dr. Raymundo Ditmars, que lhe ligou fortemente o pulso com uma ânilha de borracha, lancetou lhe a mão mordida e sugou o veneno, — segundo um telegrama de New York para o «Daily Chronicle» de dois do corrente.

Outra vez Marte a telegraphar?

O «Daily Chronicle» de 2 do corrente, chegado hoje, traz que J. H. Macbeth, gerente em Londres da Companhia Marconi de Telegraphia sem fio, fez na America declarações que causaram assombro, acerca de experiencias feitas ha pouco a bordo do yacht «Electra» no Mediterraneo. Essas experiencias, levaram Marconi e outros peritos a crer que Marte, ou qualquer outro planeta estava procurando comunicar com a terra.

Macbeth disse que o apparelho interceptou ondas de telegraphia sem fio do cumprimento de 150.000 metros, era o maximo de cumprimento de onda produzido na terra actualmente é 14.000 metros. Disse mais que a regularidade das ondas exclue a crença que sejam devidas a perturbações electricas.

Memoraveis palavras de MARECHAL FOCH

Vae ser coroada em Bruxellas, na sumptuosa egreja de Santa Gúdula, a estatua de Nossa Senhora da Paz.

A proposito dessa ceremonia o Eminentissimo Cardeal Mercier acaba de lançar uma *Carta Pastoral* em que, celebra com a eloquencia e a precisão que todos lhe conhecem, a victoria da França e da Belgica.

Termina essa pastoral invocando o testemunho do Marechal Foch, o heroe vencedor da grande guerra e e é um grande christão.

«Foi a seguir ao armisticio — escreve o Cardeal Mercier — numa dessas jornadas nacionaes em que os soberanos dos dois mundos vieram offerecer suas homenagens ao primeiro soldado do Yser e estreitar com elle as amizades que fizeram triunfar o direito e sancionaram a nossa independencia.

No vão discreto dum salão real, em presença do general Weigand, que havia de vir a ser o defensor e guia da Polonia em 15 de agosto do ano passado, procurava eu exprimir ao marechal Foch a admiração e a gratidão que na sua presença me dominavam.

Eu acabava de pronunciar as palavras *genio militar*.

«Não se trata de genio militar— atalhou o heroi, com uma vivacidade que me impunha silencio — em momento nenhum da guerra eu tive consciencia de ser senhor dos acontecimentos. Eu tinha meditado, não há duvida; voluntariamente, não tinha deixado subsistir nenhuma incognita; apesar de tudo estava cercado de incognitas. Eu queria uma contra-offensiva; sabia que era necessaria. Mas em que ponto da frente desencadeá-la? Quando? Com que probabilidade de exito?... Fosse qual fosse a decisão que eu tomasse não tinha nunca deante de mim uma certeza, fiava-me nas probabilidades que julgava mais bem fundadas, e, quanto ao resto, sentia-me e dizia-me instrumento duma força mais poderosa do que eu.

Todos os militares vos dirão a mesma cousa. Nós só podemos repetir as palavras de Bossuet: O homem agita-se e é Deus quem o conduz.»

Depois destas confissões, prosegue o eminente arcebispo de Malines, inclinemo-nos e reconheçamos que se os nossos chefes militares foram herois, se os nossos soldados foram magnificos, se os civis foram dignos delles, — a ultima palavra ao invasor para o castigar do seu orgulho; aos defensores da justiça para recompensar a sua fidelidade ao dever — essa ultima palavra só uma pessoa a podia dizer com autoridade suprema e essa disse-a: Deus resiste aos soberbos e enche de favores os humildes.

O inimigo foi repelido para alem das nossas fronteiras. Asseguremos a paz no interior, a união dos corações e das vontades, para o levantamento, a prosperidade, a unidade da Patria belga; a paz no seio das familias pela afeição mutua e a fidelidade dos esposos, pelo respeito da autoridade dos pais; a paz das consciencias na submissão das paixões á lei do dever; a paz dos espiritos, no culto da verdade, o regresso ao Evangelho, a unidade da Fé, a submissão a Christo e ao seu Vigário, o Nosso Santo Padre o Papa».

Mas que é ao pé de Marechal Foch aquele capitão de borra que escreve agora borradas anti-clericaes na *Democracia*?

BELGICA

Grandiosos festejos a Nossa Senhora de La Sarte

Em Huy, pequena cidade de Wallonia, considerada uma das terras menos religiosas da Belgica, acabam de celebrar-se as festas septenais a Nossa Senhora de La Sarte, Santuario dos arredores, onde ha um convento de frades de S. Domingos.

Ha sete anos, por causa da guerra, não se celebraram os tradicionaes festejos.

Este ano atingiram por isso uma imponencia assombrosa. Na impossibilidade de descrever o que foram essas manifestações de fé, naquele admiravel pais, e na cidade e na região que são consideradas as menos fervorosas, bastará citar os numeros que dá a *Gazette de Huy* jornal não catholico, que escolhemos por isso mesmo, por ser insuspeito: as 5 estações de caminho de ferro que ha na cidade (Huy-Nord, Huy-Sud, Statte Waremme State Andenne-Huy) tiveram nos dois dias das festas um movimento de 69.045 passageiros.

«Se acrescentarmos a êste numero os que vieram a pé, de automovel, carriolas, carruagens, barcos, etc. far-se-ha uma idea do numero formidavel de forasteiros que, estiveram entre nós nos dias de festa.»

Por causa de uma galinha matam-se dois homens

Em Lustin-sur--Meuse, dois visinhos, Fernando Lignier e Alfredo Theunissen andavam desavindos.

A semana passada uma galinha de Theunissen veiu bicar no que era do Lignier.

Este matou a galinha. Theunissen puxou d'um rewolver, e deu dois tiros no Lignier.

O Lignier, bem atingido pelos tiros, entrou ainda em casa, pegou numa espingarda e matou o Thennissen.

E lá ficaram mortos todos três: a galinha, o Lignier e o Thennissen, deixando duas viuvas e nove orphãos!

E' espantoso como por uma coisa de nada, se desgraça um homem, uma familia inteira! Sobretudo quando se não tem a piedade que dá paciencia e o temor de Deus, que doma as paixões!

NA ALEMANHA

A casa Krupp transformada 99000 operarios

As famosas oficinas Krupp, dizem de Berlim em 2 deste mez, acabam de ser tranformadas, passando de grande centro—o maior do mundo—de apetrechos de guerra, a centro de productos "pacificos,, como navios, aparelhos para dentistas (!) maquinas agricolas, camions, enfim tudo em que possa entrar ferro ou aço.

Como se sabe, as oficinas da casa Krupp comprehendem, alem das famosas fabricas de Essen, as Friedrich Alfred, em Rheinhausen, as Muelhofener em Engers-am-Rhein, e as de Magdeburgo, Kiel, etc—empregando ao todo 9900 operarios.

O ano de maior frequencia de operarios foi 1918, em que havia na folha—na folha? no «missal»!—das ferias a belezinha de 171000 operarios. Os 99000 actuaes são para comparar com os 81000 que havia ao rebentar a guerra.

O principal ramo de producção desde que cessou o do armamento, é o das locomotivas e material circulante ferroviario. Esta secção emprega 500 homens, e pode produzir 800 locomotivas pesadas, em os respectivos "tenders, e 2.500 vagons de 15 toneladas, por ano.

A terra de Babel judaica

Realizou-se a semana passada em Carlsbad o congresso Sionista, sendo um dos principaes assuntos a reconstrução judaica na Palestina.

Estiveram presentes cerca de 550 delegados de todas as partes do mundo e Carlsbad assemelhava-se, como de lá telegrafou o correspondente do «Daily Chronicle» em 2 do corrente, a uma Torre de Babel, tão grande foi a mistura de linguas ali faladas.

Multissimos edificios ostentavam a bandeira azul e branca, com o escudo de David.

Uma nota pictoresca deste Congresso, que o «Diario do Minho» já noticiou em telegrama, foi a leitura dum telegrama do delegado persa e redigido em persa. Éscusava-se por não comparecer, alegando ter-lhe sido impossivel arranjar um aeroplano que o levasse a Carlsbad via-Aleppo e que ir pela India lhe teria custado 7 milhões de coroas *czech* e só chegaria... três ou quatro mezes depois do Congresso!

A India agitada

LONDRES, 7—Em Madrasta a situação continua desesperada. Os habitantes fogem aterrorizados para outras partes.—Radio.

*

LONDRES, 7 Em Darinckin, Buanath, Pañe, organizam se tropas para combater as forças da coroa no Malabar.

Aproveitando a situação anormal, os comerciantes em Nebru fizeram uma grande exploração nos preços, motivando tumultos populares. Radio.

A Russia e os inglezes

LONDRES, 7—Tendo o sr. Barning dito que eram precisos 30 milhões para socorrer a Russia, o «Morning Post» diz que a Europa não recebeu ainda suficientes garantias de ordem, de parte do governo dos soviets.—Radio.

POR TERRAS DO MINHO

Quatro dias em Balazar

Triduo na Egreja e Quatriduo ao ar livre

Ficarão memoraveis na freguesia de Balazar, do concelho da Povoa de Varzim, os dias de triduo que terminou Domingo passado.

Esta freguesia está sendo pastoreada ha pouco mais de um ano, pelo Rev. P. Manuel d'Araujo, que é muito, estimado de todos os seus paroquianos, e que este ano quis imprimir ao triduo da festa do Sagrado Coração de Jesus um brilhantismo desusado.

Foi, cremos nós, a primeira vez que o povo do Balazar teve ocasião de ouvir tratar paralelamente dos seus interesses espirituaes e temporaes, numa serie de sermões e conferencias.

A festa do Sagrado Coração de Jesus foi precedida de uma série de conferencias que começaram na passada quarta-feira 31, pela tarde, feitas pelo Rev. P. Manuel Domingues Basto, desta cidade havendo terço e benção do Santissimo Sacramento. O assunto da conferencia foi a «*Existencia da alma e Importancia da salvação*». A's 5 da manhã de quinta-feira, dia 1, depois da missa do rev. paroco versou o conferente sr. P. Manuel Domingues Basto o seguinte tema: «*Existencia de Deus. Direitos de Deus sobre o homem. Deveres do homem para com Deus*». A concorrencia numerosissima, aumentou de tarde em que a par da conferencia religiosa na Igreja se esperava a conferencia do sr. Dr. Bivar ao ar livre. O assunto da conferencia religiosa foi: «o Pecado. O pecado é uma revolta contra Deus, um despreso e uma ingratidão para com Ele». Na manhã de sexta-feira versou o sr. Manuel Domingues Basto o tema: *O pecado, mal do homem* e os castigos do pecado. De tarde tratou da: «Confissão sua instituição divina» desfazendo as objecções mais vulgarmente espalhadas contra este Sacramento.

Na manhã de sabado a conferencia teve por objecto: «A penitencia: contrição, suas qualidades para obter a justificação».

Seguiu se o serviço de confissões, concorridissimo, estando ao confessionario 17 sacerdotes até á uma hora da tarde.

No domingo, apoz a missa paroquial, realizou-se a comunhão solene, fazendo antes e depois uma pratica adequada o rev. Basto que, aproveitando a circunstancia de se comemorar naquele dia a eleição de S. S. Bento XV, procurou despertar nos fieis sentimentos de amor para com o Pontifice.

A's dez e meia começou a missa solene, com exposição, cantada por um coro dirigido pelo rev. paroco e acompanhadas a harmonio pelo rev. P. Arnaldo de Rates. A's quatro da tarde teve logar o sermão pelo mesmo orador das conferencias, seguindo-se o «Te-Deum» e benção. A egreja de Balazar, que é grande, estava á cunha. Jamais se viu tão grande concorrencia.

O Rev. Paroco desta freguezia convidou o dignissimo redactor desse «Diario» sr. Dr. Artur Bivar, infatigavel propagandista catolico, a vir falar a Balazar, por ocasião do triduo. E assim sucedeu, com grande regosijo do povo desta freguezia, que nunca o tinha ouvido e conhecia de fama o notavel orador que tem percorrido todo o Minho a semear a boa doutrina.

No vasto terreiro fronteiro á egreja, do varandim duma casa, durante quatro dias, juntaram-se dois numerosissimos grupos, de homens a um lado, mulheres a outro, para ouvirem as conferencias.

O sr. dr. Bivar, no primeiro dia, pelo tom popular e jovial que deu ás conferencias, pondo as suas palavras ao alcance ainda dos mais rudes, conquistou logo as simpatias do auditorio.

Tratou na primeira conferencia dos «Deveres de cada um de nós para consigo mesmo», fazendo ver como todas as pessoas teem o dever de se aperfeiçoarem, o artista na sua arte, o lavrador na sua lavoira, a mesma dona de casa nos trabalhos domesticos, adquirindo conhecimentos de higiene, de economia, de aplicação de processos modernos para combater muitas rotinas perniciosas que ha. Emfim, ou a creatura racional usa da sua razão aperfeiçoando-se por um esforço de cada dia, ou é indigna desse nome de creatura racional. Comparou o atrazo do nosso povo com a cultura de outros povos, como o belga, o holandez, o dinamarquez, etc. Esta primeira conferencia causou muita impressão.

No segundo dia, tratou o sr. dr. Bivar, dos «Deveres de cada um para com a patria», e proclamando bem repetidas vezes que a sua propaganda é de ideias e não de partidos politicos, clamou ao povo que é preciso *saber o que faz* quando vota e não ir votar como cego, inconsciente do bem ou do mal que pode fazer com esse pedaço de papel. Que se tudo anda mal governado a culpa é dele que elege quem o governa. E então explicou os deveres que todos temos para com a patria, sendo o principal, actualmente, não a deixar governar ás cegas, vendendo votos por canadas de vinho. Esta conferencia foi ainda mais importante, ouvindo-se por vezes vozes de aprovação e comentarios no fim que provavam que as palavras do orador iam calando fundo no animo do bom povo das aldeias, de quem os politicos só se lembram nas vesperas das eleições.

No terceiro dia, tratou o orador dos «Direitos que temos para com a nossa familia» e mostrou como a familia portugueza corre hoje perigos como não corria noutros tempos e que porisso exige hoje uma defeza organizada que noutros tempos não exigia. Referiu-se por isso a trez perigos, para abrir os olhos ao povo: a lei do divorcio, a lei que prohibe o ensino religioso nas escolas e a lei das transmissões dos bens de familia, pela qual o Estado vai roubando aos filhos, com percentagens elevadissimas, o que seus pais andaram suando por lhes ganhar! O interesse do povo, ao ouvir estas verdades duras e fulgurantes ia augmentando de dia para dia, sendo geral o aplauso com que era ouvido o vibrante orador.

No ultimo dia, domingo, o vasto terreiro continha, pode-se dizer, o povo todo da freguezia, e numerosos grupos das freguezias vizinhas, de Gondifelos, Negreiros, Rates, Bagunte, Pereiró, etc. Era belo o espectaculo de tanta gente depois de longas ceremonias na egreja acorrendo ali para mais uma vez ouvir tratar dos interesses temporais.

Mas neste dia trocaram-se os papeis entre os oradores, pois houve dois.

O nosso querido paroco, ao abrir a sessão, agradeceu aos dois oradores, que iam ali terminar os seus trabalhos, a vinda á nossa freguezia, onde tarde ou nunca se apagará a memoria dos dias que fizeram passar ao povo, atento a os ouvir dentro e fóra da egreja.

Tomou depois a palavra o sr. dr. Bivar, que sendo leigo tratou neste ultimo dia de um assunto religioso: «Deveres que temos para com Deus.» Falou com muita clareza, como sempre, e algumas vezes com extraordinaria veemencia e eloquencia, dos deveres para com Deus: conhecê-lo, amá-lo e defender os seus interesses dos ataques dos seus inimigos. A Escritura, que S. Ex.ª citou, diz que é feliz, o povo cujo Senhor é o seu Deus. Nós somos infelizes desde que andamos escravizados a outros senhores, hontem na monarquia como hoje na republica, — porque o orador, mais uma vez, com extraordinaria eloquencia, proclamou bem alto a independencia perante a politica fatal dos partidos e das luctas de regimes, que nos trouxeram a este abismo, do que só a união á sombra da Cruz, do povo inteiro organizado para bem da Patria, nos pode salvar!

Seguiu-se-lhe o sr. Padre Basto, que apesar de cansado do recente sermão na egreja, falou de um assunto nada ecclesiastico, mas que o povo gostou de ver exposto e explicado por um padre

Falou-lhe da união da lavoura, da organisação da gente dos campos, que é a reserva da salvação nacional, dos problemas da agricultura, de syndicatos, cooperativas, mutualidades seguradoras de gado, etc. e sabemos que as suas palavras não terão sido baldadas, porque já se discute por aqui a maneira de começar a sair do isolamento e da inacção em que vive a grande massa dos lavradores.

E assim terminou este conjuncto de triduos, dentro e fora da Egreja, e quando o povo debandava para suas casas e os grupos para as freguezias visinhas, era geral o sentimento de agrado, de desejo de ver aquela verdadeira escola publica prolongar as suas lições — e nos grupos das freguezias proximas ouvia-se falar de egual celebração logo que seja possivel. Consta-nos, até, que não tardará muito a haver qualquer cousa parecida em Gondifelos. Tambem alguns rapazes d'aqui estão animados a formar uma união de instrucção e recreio, como já ha tantas pelas aldeias do Minho.

A benemerita obra dos «Minimos» tambem aqui ficou installada e estamos certos de que, pela sua simplicidade e pelo seu grande alcance, vae ter em Balazar um largo desenvolvimento.

Os ilustres oradores, srs. Padre Basto e Dr. Bivar, foram na segunda-feira a Bagunte, no concelho de Vila do Conde, de passeio e em trabalhos de propaganda, regressando no mesmo dia, e hoje, terça feira, a Braga, no comboio da manhã.

Que por muitos annos, com saude e enthusiasmo, continuem por todo o Minho esta Cruzada de redempção. Em Balazar, o fructo da sua passagem ha de perdurar, e temos fé em Deus que esse fructo será mesmo superior ao que se vê agora.

O nosso povo tem sido muito explorado e está muito desanimado. Mas no dia em que se lhe abrem os olhos e começa a mover-se, vae para a frente, ate onde é preciso.

Que assim succeda em Balazar.

C.

DO PORTO

Explosão de gás
Mortos e feridos

PORTO, 8—A's 2 horas da tarde deu-se na fabrica do Gaz e Electricidade, na sala das caldeiras uma grande explpsão que victimou alguns membros do pessoal.

Ha varios feridos, dos quais foram transportados em estado muito grave, para o Hospital, os seguintes, com graves queimaduras pelo rosto, mãos e todo o corpo:

Antonio Henrique Junior, de 28 anos, casado, carregador dos fogueiros, da rua de Arrabida;

José Pereira da Silva, de 28 anos, casado, trabalhador fogueiro, de Vilarinho;

Isaac Dias Arantes, de 17 ános, trabalhador, do Ouro;

Amadeu dos Santos Pereira, de 33 anos, casado, da rua dos Condominhos; e

Antonia Rosa, de 36 anos.

★

Destes feridos faleceram á noite no Hospital Isaac Dias Arantes, e Amadeu dos Santos Pereira.

*

A direcção comunicou o triste caso ao delegado do governo que foi ali informar-se das circunstancias do sucedido para fazer o seu relatorio.

Por parte da Camara estiveram a inspeccionar o desastre os vereadores srs. Manuel Azevedo e Carvalho da Silva.

Livraria e Papelaria Academica

CASA EDITORA

Rua 5 de Outubro, 62 (Antiga Rua da Junqueira)—POVOA DE VARZIM

Representações, Agencia de Publicações e de Seguros, Comissões e Consignações

A toda a colonia banhista em geral recomendamos esta mais bem sortida casa, onde podem comprar tudo por modico preço. Tem sempre as ultimas novidades literarias portuguezas e estrangeiras, assim como livros religiosos, de direito, antigos usados e raros. Caixa de papel de cartas, de fantasia.

Tabacos de todas qualidades e procedencias. Postais, o que ha de mais fino e bom gosto. Musicas modernas e classicas. Figurinos mensais, trimestrais e semestrais. Estampas de todos os tamanhos.

Loterias. Artigos de escritorio, de desenho e para o fabrico de flores.

Expede-se qualquer pedido que nos requisitem, tanto para o paiz como para o estrangeiro. Coleções completas de livros dos autores mais consagrados nas letras mundiais. Miudezas, etc., etc.

Depositária das principais casas editoras. Na Povoa e Vila do Conde, da Pomada *Vulneril Verde, Creme Laxol e Febricit*, productos de efeito e curas radicais.

SORTIDOS COMPLETOS — PREÇOS SEM RIVAL

Calmarias e tufões de Bernardino da Ponte

Tristes Rebentos, versos de Admário Ferreira

Moral e Religião, Conferencia do Dr. Vasques Calafate

PROFESSOR

No Colegio Liceu Portuguez na Figueira da Foz, precisa-se um professor interino, com as habilitações necessarias para o magisterio secundario ou primario.

Pedir as condições de admissão ao director do mesmo colegio. (531)

Aulas de admissão ao Liceu a começar em Outubro na 614

Escola Academica

Mobilia de quarto

Toda em castanho e nova. Vendem

PALMEIRA & SOARES

Campo da Vinha—11 e 15

635

Dr. Costa Junior

Sitio a Cilaster geral — Consultori Rua Candido dos Reis (antiga dos Chãos, 14

Telefone n.º 289

Consultas das 13 ás 17—Residen...

Machinas e accessorios

Para a industria e agricultura

MOTORES ELECTRICOS de varias voltagens e DINAMOS de varias amperagens DOS MAIS AFAMADOS CONSTRUCTORES

O maior deposito no Paiz

LAMPADAS ELECTRICAS «POPE» de filamento metalico

LAMPADA 112 VTIO Lampadas de espiral e reflector (com abat-jour de porcelana)

Unicos representantes d'estas lampadas de reputação mundial

José J. Teixeira

Avenida da Liberdade, 37

LISBOA

HOTEL SUL-AMERICANO

Bom Jesus—BRAGA

Proprietarios Carneiro, Magalhães & C.ª L.da

Serviços de 1.ª ordem com e sem dieta. Preços modicos

Dirigir correspondencia ao gerente:

João Leite Pacheco de Magalhães

A LIQUIDADORA

Inauguração desta casa hoje, domingo horas da tarde com um importante leilão de moveis e muitos outros objectos.

Visitem esta casa

Rua dos Chãos, 85 a 95

Fabrica de fundição de sinos

DE

José Francisco Gonçalves & C.ª

Avenida da Liberdade, 163,—(Antiga rua das Aguas)—BRAGA

Esta importantissima fabrica, sendo a maior do Paiz, é a que hoje affirma as melhores vantagens, tanto nos preços, como na perfeita execução dos seus trabalhos primorosa afinação, suavidade de sons nos seus carrilhões de sinos, comprovados com importantes documentos. Tem sempre em deposito grande quantidade de sinos. Recebe assignatura de sinos-relógios para paramento de sinos novos.

Antiga tinturaria em todas as côres

—DE—

Manuel José Gomes, Suc.res

A mais acreditada do Norte, fundada ha 40 anos. Acaba de fazer novas e modernas instalações. Colorantes das melhores fabricas alemãs. Tintas garantidas.

Processo de descolorisação. Mudam-se as côres escuras, mesmo o preto, para côres claras, sem prejudicar o tecido.

Tingem se fazendas e vestuarios em lã, meia lã, lã e sêda, algodão em fio e em peça, juta, palha, plumas, luvas e chapeus e todas as materias textis. Fatos de homem completamente renovados, tingidos e promtos a vestir.

Lutos em 24 horas

E' onde se tinge melhor e mais barato Recebem se encomendas pelo correio e mandam se amostras.

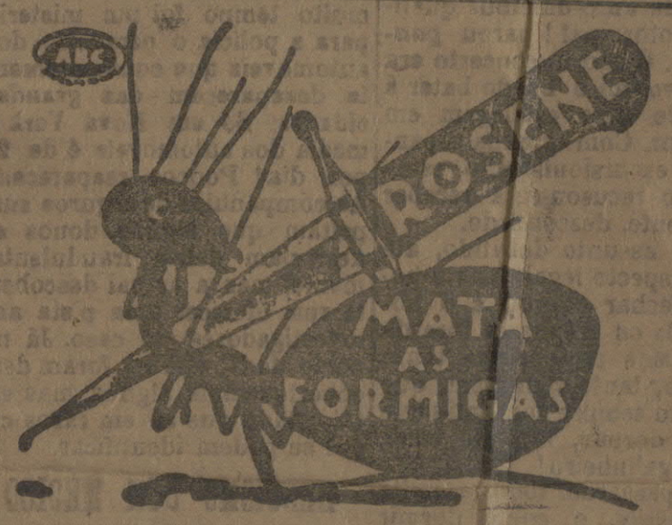
147—Cruz de Pedra—151

Casa de azulejo em frente á Central da Electricidade.

NÃO CONFUNDIR

Sempre a mesma casa

NÃO CONFUNDIR



ROSENE é o mais poderoso e saudavel destruidor das formigas. Mata as todas. Vende-se em toda a parte. Precisam-se agentes na provincia. Deposito Marinho e Amaral. Rua do Jardim do Regedor-23 —LISBOA

Productos Farmaceuticos, Rua de Santa Marta 58 LISBOA

COOPERATIVA BRACARENSE

Assucar loom a 1$20 o Kilo—2 Kilos por semana.

Dia 8 a 10 1.ª Semana.

Dia 12 a 17—2.ª Semana e segue.

Azeite espanhol—3$00 o Litro. (619)

Quere V.ª Ex.ª tomar um delicioso café?

Visite o CAFE LUZO

da raça Municipal

"COLEGIO DE D. NUN'ALVARES"

INSTRUCÇÃO PRIMARIA—em todos os seus graus geral, admissão aos lyceus, superior e normal.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA—com matricula no lyceu ou no colégio, onde ha cursos organisados; os que vão ao liceu serão acompanhados e vigiados no seu comportamento e faltas por prefeitos de confiança.

INSTRUCÇÃO COMERCIAL—com professorado com longa prática no comercio.

O corpo docente foi cuidadosamente escolhido, com professores estrangeiros, ou longo estágio lá fóra, os das linguas vivas.

Alimentação sádia e abundante, segundo as prescrições do médico do Colégio.

Mensalidades modicas.

Desde já fornece indicações para matricula o director *Ruy de Valdoleiros*—Largo do Rechicho—BRAGA.

GRANDE COLEGIO UNIVERSAL

—PORTO—

O maior e melhor Colegio do norte do paiz

Cursos infantis—Instrucção primaria—Curso completo de liceu.—Curso pratico de Comercio.

OS DIRECTORES: *Padre M. dos Santos Brito*

Padre José Fonseca e Pinho. (628)

Banco Nacional Ultramarino

FUNDADO EM 1864

CAPITAL, Esc. 24.000.000$00. — FUNDO DE RESERVA, Esc. 24.000.000$00

Banco Emissor para as Colonias—Séde em Lisboa

Dependencias em Portugal — Aveiro, Barcellos, Beja, Braga, Bragança, Castello Branco, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Estremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Porto, Santarem, Rilves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Nova de Portimão, Vila Real e Vizeu.

Ilhas adjacentes — Madeira, Funchal, S. Miguel (Açores), Ponta Delgada.

Filiaes no estranjeiro — Londres, Paris e Nova York.

No Brazil — Rio de Janeiro, Santos, S. Paulo, Bahia, Pernambuco, Pará, Campos, Manaos, Parahiba do Norte.

Recomendam-se as Agencias deste Banco no Brazil para os saques sobre qualquer localidade de Portugal.

Correspondentes—Nas principais localidades do Paiz, Ilhas adjacentes e todas as cidades do mundo.

Operações Bancaria em todos os generos no Continente com as Colonias, Ilhas adjacentes, Brazil restantes paizes do mundo.

Compra e venda de saques sobre o extrangeiro, notas e moedas estrangeiras, coupons, etc. Operações de bolsa.

Saques e cartas de credito directas e circulares sobre as Colonias e todos os paizes do mundo.

Hotel e Restaurante Quintela

Avenida da Liberdade, 25 a 29

Serviço de lista e meza redonda. Preços sem competidores, uma das primeiras casas do genero na cidade.

Todos os domingos haverá jantares explendidos.

No proximo domingo 4 do corrente, **Leitão assado.**

GEREZ

Epoca termal de 1.º de Maio a 31 de Outubro

Aguas termaes, silicio fluoretadas radio-activas

Especialidade, doenças do figado e nos que dependem de perturbações do figado

Efficazes nas dyspepsias enterocolites, rheumatismo, gotta lithiases renaes, obesidade glycosurias e arthristrismo

DEPOSITOS—PORTO—*Rua de José Falcão 132*

(127) LISBOA—*Largo da Anunciada 10*

GAZOLINA "SHELL"

Qualidade superior

THE LISBON COAL & OIL FUEL Pedido Co LIMITED

Telefone 834

PORTO

Casa Editora Catholica

ARMENIO SOTTO MAYOR

51—Rua Nova de Sousa—53

BRAGA

Livros de piedade, propaganda religiosa literarios e liturgicos.

Variado sortido em estampas e oleografias religiosas

Deposito de musicas sacras.

Methodos de piano, orgão harmonium e canto.

Terços, crucifixos, medalhas e outros objectos de piedade

Impressos proprios para os cartorios parochiaes.

Lindos objectos para brindes recebidos ultimamente da Alemanha

A ELECTRICA, LIMITADA

Avenida Central, 71—BRAGA

Vendas de material electrico. Instalações de luz, força motriz, telefones, campainhas e pára-raios a preços reduzidos.

Orçamentos gratuitos

Materiaes de Construcção

Madeiras, ferro, ferragens e chumbo em barra, ... cimento, manganes, drogas, ... zeiras, ...

F. H. d'Oliveira & C.ª Limitada

GARAGE AMERICANA

Avenida Central, 117 Telefone, 135

Telegramas, AMERICANA

Aluguer de automoveis para toda a parte e a qualquer hora

BRAGA, GEREZ E VICE-VERSA

Aceitam-se mercadorias para transportes

deposito: PNEUS e CAMARAS

da marcas mais acreditadas

A "FUNERARIA"

José António da Silva & Filho

Rua de S. Vicente 23 e 25—Braga